

# NAS INSTÂNCIAS DO DISCURSO:

*uma permeabilidade de fronteiras*



Denize Elena Garcia da Silva  
(Organizadora)

EDITORA  
  
UnB

  
OFICINA EDITORIAL  
Instituto de Letras - UnB

A obra representa uma aproximação profícua de pesquisadores de diversas instituições, cujos artigos, em lugar de refletir diferentes paradigmas do pensamento lingüístico, revelam o esforço de cada um dentro de suas áreas específicas na busca de caminhos que favoreçam o ensino do vernáculo e garantam a compreensão do uso da língua como prática social.

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE),  
Denize Elena Garcia da Silva (UnB),  
Jacob L. Mey (Odense University -  
Dinamarca), Maria Carmen Aires  
Gomes (UFV), Izabella dos Santos  
Martins Mendes (UFMG), Janaina  
Minelli de Oliveira (UFMG), Dina  
Maria Martins Ferreira (UPM-SP),  
Heloísa Marques Miguel (UFG), Ivone  
Tavares de Lucena (UFPB), Carmem  
Cecília Camatari Galvão (FJMJ), Lillian  
Márcia Simões Zamboni (Unicamp/SP),  
Gláucia Muniz Proença Lara (UFMS),  
Eline Alcântara dos Santos (Uneb),  
Maria Francisca de Oliveira Santos  
(UFAL) e Cibele Brandão (UnB)

NAS INSTÂNCIAS  
DO DISCURSO:  
uma permeabilidade de fronteiras



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA**

*Reitor*  
Lauro Morhy

*Vice-Reitor*  
Timothy Martin Mulholland



*Diretor*  
Alexandre Lima

*Conselho Editorial*  
*Presidente*  
Henryk Siewierski

Alexandre Lima, Clarimar Almeida Valle,  
Dione Oliveira Moura, Jader Soares Marinho Filho,  
Ricardo Silveira Bernardes, Suzete Venturelli



OFICINA EDITORIAL  
Instituto de Letras - UnB

*Conselho Editorial*  
Aryon Dall'Igna Rodrigues, Germana Henriques P. de Sousa,  
Heloisa Maria Moreira de Lima A. Salles, Henryk Siewierski,  
Rogério da Silva Lima, Vilma Reche Correa



Denize Elena Garcia da Silva  
*Organizadora*

NAS INSTÂNCIAS  
DO DISCURSO:  
uma permeabilidade de fronteiras



## **Equipe Editorial**

Rita de Cássia da Silva Pedroso de Albuquerque – *Preparação de originais e editoração eletrônica*

Regina Maria Furquim Freire da Silva e Carmem  
Cecília Catamari Galvão – *Revisão*

Roberta Elena da Silva Bocchino – *Capa*

*Copyright* © 2005 by Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora)

## ***Impresso no Brasil***

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília  
SCS, Q. 02, Bloco C, Nº 78, Ed. OK – 2º andar  
70300-500 – Brasília-DF  
Tel: (61) 3035-4200 – Fax: (61) 3225-5611  
www.livrariauniversidade.unb.br – editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
Central da Universidade de Brasília

---

N241 Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras / Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora). – Brasília : Editora Universidade de Brasília : Oficina Editorial do Instituto de Letras, 2005.  
204 p.

ISBN 85-230-0836-5

1. Análise de discurso crítica. 2. Linguística textual.  
3. Sociolinguística internacional. I. Silva, Denize Elena Garcia da.

CDU 801

---

*Ao meu Roberto e a cada Paulo  
da minha vida*



## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	11
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	13
<b>PARTE I – DISCURSO E GRAMÁTICA</b> .....	19
<b>DISCURSO, COGNIÇÃO E GRAMÁTICA NOS PROCESSOS DE TEXTUALIZAÇÃO</b> <i>Luiz Antônio Marcuschi</i> .....	21
<b>DISCURSO E GRAMÁTICA: MOTIVAÇÕES COGNITIVAS E INTERACIONAIS</b> <i>Denize Elena Garcia da Silva</i> .....	37
<b>DISCURSO, GRAMÁTICA E PRAGMÁTICA</b> <i>Jacob L. Mey</i> .....	49

**PARTE II – DISCURSO E MÍDIA.....63**

**A VOZ E O *ETHOS* MÉDICO-CIENTÍFICO NO TEXTO DE  
INFORMAÇÃO PUBLICITÁRIO**

*Maria Carmen Aires Gomes* ..... 65

**UM CASO DE POLÍCIA: AS REPORTAGENS POLICIAIS EM  
DOIS JORNAIS IMPRESSOS BRASILEIROS, ABORDADAS À  
LUZ DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

*Izabella dos Santos Martins Mendes* ..... 77

**AÇÕES SOCIAIS DO GÊNERO INFORMAÇÃO CIENTÍFICA  
TRANSMITIDA POR MEIO DO JORNAL TELEVISIVO  
BRASILEIRO**

*Janaina Minelli de Oliveira* ..... 87

**PARTE III – DISCURSO, GÊNERO SOCIAL E  
IDENTIDADE.....99**

**CONSTRUTO IDENTITÁRIO FEMININO NA BUSCA DO  
METAINSTÁVEL: *ENEIDA* DE VERGÍLIO E MÍDIA DA  
ATUALIDADE**

*Dina Maria Martins Ferreira* ..... 101

**A CATEGORIA DO TEMPO EM “O CHAMADO DAS PEDRAS”**

*Heloisa Marques Miguel* ..... 111

**A INSCRIÇÃO DO SUJEITO NO DISCURSO DA MÚSICA  
NORDESTINA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE?**

*Ivone Tavares de Lucena* ..... 125

<b>PARTE IV – GÊNERO, IDENTIDADE E ARTICULAÇÃO DAS DIFERENÇAS</b> .....	135
<b>GÊNERO DISCURSIVO ANAMNESE: PRIMEIROS DESVELAMENTOS</b>	
<i>Carmem Cecília Camatari Galvão</i> .....	137
<b>DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CIÊNCIA OU JORNALISMO?</b>	
<i>Lilian Márcia Simões Zamboni</i> .....	145
<b>SEMIÓTICA GREIMASIANA E ANÁLISE DO DISCURSO: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL</b>	
<i>Gláucia Muniz Proença Lara</i> .....	155
<b>PARTE V – DISCURSO ACADÊMICO, INTERAÇÃO E COMPORTAMENTO NÃO-VERBAL</b> .....	167
<b>SUJEITO-PROFESSOR: MULTIPLICIDADE DE POSIÇÕES</b>	
<i>Eline Alcântara dos Santos</i> .....	169
<b>OS ASPECTOS NÃO-VERBAIS E VERBAIS NA INTERAÇÃO DO DISCURSO DE SALA DE AULA: RESULTADOS PRELIMINARES</b>	
<i>Maria Francisca de Oliveira Santos</i> .....	179
<b>ESTRATÉGIAS PRAGMÁTICAS NÃO-VERBAIS NO PROCESSO DE VARIAÇÃO ESTILÍSTICA</b>	
<i>Cibele Brandão</i> .....	191
<b>COLABORADORES</b> .....	201



## AGRADECIMENTOS

Aos colegas que atenderam à chamada de trabalho para o VI ENIL, brindando-nos não só com a presença, mas sobretudo com a pontualidade na entrega dos artigos, vão os primeiros agradecimentos, pois da resposta concretizada no texto de cada um surgiu este livro.

Além dos colaboradores que assinam os capítulos, três pessoas especiais apoiaram-me durante a fase de organização e montagem: Rita de Cássia encarregou-se da árdua tarefa de formatação e diagramação dos originais, Roberta Elena foi responsável pela parte artística de criação da capa, enquanto Paulo Lindemberg facilitou-me o acesso às ferramentas dos programas de informática, com seu suporte técnico e sua paciência. Os três são meus filhos, razão pela qual meu agradecimento e meu afeto brotam do fundo do coração.

O apoio parcial da Capes e o incentivo do Instituto de Letras da UnB, somados à generosidade da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC), que não poupou esforços para garantir o sucesso do VI ENIL, representaram o baluarte seguro para as apresentações dos trabalhos de pesquisa, aqui representados nos quinze artigos selecionados.

Entre as pessoas que direta ou indiretamente não mediram esforços para enviar-me apoio incondicional a todo momento, mesmo que de lugares distantes, registro dois nomes: Marcuschi e Benedito. O primeiro, além de colaborador e amigo, é o grande incentivador na escalada dos estudos do discurso. Na sua trilha, segue Benedito Gomes Bezerra,

## **Agradecimentos**

---

doutorando do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFPE, o responsável pela tradução do artigo de Jacob Mey. Aos dois, que me sensibilizaram pelos gestos de solidariedade, um agradecimento especial.

Agradeço ainda a todos os colegas e alunos do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília que auxiliaram na realização do VI ENIL, de modo especial à Maria Christina Diniz Leal, cuja atuação no trabalho da comissão científica foi de um valor inestimável. Meus agradecimentos também à Lúcia Maria Pinheiro Lobato, pois, mais que significar uma presença marcante no evento, contribuiu efetivamente por meio de ações e de palavras de incentivo. Ambas, que nos privilegiam com lições de vida todos os dias, constituem exemplo de compromisso profissional, dedicação, seriedade e elegância na vida acadêmica.

Por fim, o agradecimento a meu esposo e companheiro pelo altruísmo e pela compreensão diante de determinados momentos da minha vida acadêmico-profissional.

Denize Elena Garcia da Silva

**PARTE II – DISCURSO E MÍDIA**



## **UM CASO DE POLÍCIA: AS REPORTAGENS POLICIAIS EM DOIS JORNAIS IMPRESSOS BRASILEIROS, ABORDADAS À LUZ DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

*Izabella dos Santos Martins Mendes*

### **Introdução**

As notícias sobre crimes publicadas em jornais brasileiros são, conforme pesquisa por mim efetuada em bancos de dados de bibliotecas universitárias, objeto de pouca atenção por parte dos pesquisadores em todas as áreas das Ciências Humanas.

Para grande número de leitores dos jornais de maior circulação nacional, notadamente "Folha de S. Paulo", "O Estado de São Paulo" e "O Globo", conforme venho observando sistematicamente, geralmente a leitura desse tipo de notícia não é alvo de maior interesse, e poucas vezes é priorizada, sendo quase sempre marginalizada.

Já os leitores dos jornais considerados "populares", como "O Dia", mantêm com as notícias sobre crime, via de regra, uma outra relação, de maior interesse. Essas notícias são priorizadas pelos próprios editores dos jornais: exemplo disso são as capas de "O Dia", em que, salvo raras exceções, aparecem fotos ou manchetes destacando as reportagens sobre crime.

As notícias sobre crime são para mim objeto de grande interesse porque podem representar o poder da mídia levado ao limite. Se um

suspeito de um crime é tratado de forma muito parcial pela mídia, as conseqüências podem ser desastrosas, tanto para os envolvidos no crime quanto para a imagem do veículo de comunicação em questão, que pode inclusive ser alvo de processos e de perda de credibilidade.

Por ser jornalista, tenho também um interesse pessoal nas notícias sobre crimes, que são, via de regra, muito pouco discutidas nas faculdades de Comunicação Social, uma vez que são estereotipadas como sensacionalistas, como exemplos de jornalismo pouco "sério".

Os verbos usados na reportagem dos fatos dizem muito sobre o ponto de vista ideológico a partir do qual os profissionais da mídia estão reportando estes fatos. Uma vez que ainda há poucas pesquisas em Análise do Discurso e no campo de Estudos da Mídia em geral que tratam do tema dos verbos de relato, sendo que destas nenhuma se refere ao emprego destes verbos no gênero reportagem policial, pareceu-me interessante pesquisar o tema.

A escolha das fontes jornalísticas (termo usado para designar as pessoas, oriundas ou não de alguma instituição, que relatam um acontecimento vivenciado ou testemunhado por elas) também é altamente significativa no que diz respeito a ideologias, principalmente porque diferentes fontes trazem consigo diferentes discursos. Diferentes jornais dão maior ou menor espaço a diferentes fontes, e achei igualmente interessante fazer uma pesquisa detalhada sobre a escolha e o uso das fontes em reportagens policiais.

Com essa pesquisa, espero contribuir para clarear alguns dos aspectos imprescindíveis ao gênero: a escolha e o uso dos verbos de relato e das fontes nas reportagens policiais. Por meio dessa análise, é possível observar quais outros gêneros e outros discursos estão presentes nessas reportagens, o que diz muito sobre relações de poder.

Meu corpus de pesquisa de dissertação é constituído por 2 meses (fevereiro e março de 2002) de reportagens policiais publicadas nos jornais "Folha de S. Paulo" e "O Dia", respectivamente entendidos como protótipos de jornal de elite e de jornal popular. A "Folha de S. Paulo" foi escolhida pelo fato de ser o jornal de maior circulação nacional, e de ser usado como modelo por grande parte dos estudantes das faculdades de Jornalismo brasileiras, bem como por diversos jornais, que muitas vezes chegam ao ponto de adotar seu "Manual de Redação" sem qualquer consideração individual. Já o jornal "O Dia" foi escolhido por ser o único jornal popular que circula nacionalmente.

Para realizar a pesquisa quantitativa, usei as ferramentas "Wordlist" e "Concordance" do programa "Wordsmith Tools", usado em Lingüística de *Corpora*. De posse dos dados, contei todas as ocorrências de relato direto e indireto, relacionando-as às fontes cujas falas foram reportadas.

Observei também se as fontes usadas falavam em nome de alguma instituição ou não, e se havia maior ocorrência de discurso direto (com uso de aspas) ou indireto para cada tipo de classificação de fontes. De posse desses dados, observei se há um padrão de reportagem das falas em relação às fontes.

O refinamento qualitativo é oferecido pela Análise Crítica do Discurso, especialmente a teoria e a metodologia encontrados em Fairclough (1992).

### **A Análise Crítica do Discurso**

É essencialmente a grande atenção dada à dimensão ideológica na construção do sujeito e, por conseqüência, na constituição do discurso, o que difere a Análise Crítica do Discurso das outras teorias sobre o discurso. Nesta teoria, o discurso é entendido como conjunto de afirmações sistematicamente organizado que dá expressão aos significados e valores de uma instituição: "Um discurso fornece um conjunto de afirmações possíveis sobre uma dada área, e organiza e dá estrutura ao modo como se deve falar sobre um tópico particular, um objeto, um processo" (Kress, 1985:7).

Na Análise Crítica do Discurso, este é, então, visto como um tipo de prática social, uma vez que ele constitui o social. A linguagem é vista como invariavelmente investida de poder e ideologias e capaz de constituir as dimensões do conhecimento, das relações e da identidade sociais. As ideologias são vistas como significações ou construções da realidade, como sistemas básicos de cognições sociais que regulam e organizam as ações e modos de representação dos membros de um grupo ou sociedade (Van Dijk *apud* Pedro, 1997).

A metodologia utilizada é o quadro tridimensional de análise proposto por Fairclough (1992). A primeira dimensão é a análise textual, que usa o aparato da Lingüística Sistêmica e Funcional de Halliday (1985). Na gramática funcional, a linguagem é entendida como um "sistema de sistemas, formulado como um conjunto de sistemas de traços lingüísticos, ligados em redes, que organizam as co-seleções opcionais e obrigatórias desses traços" (Pedro, 1997:31). A linguagem é vista como uma questão mais de probabilidade que de possibilidade.

A segunda dimensão é a análise das práticas discursivas (prática discursiva aqui sendo entendida, nas palavras de Magalhães (2001:17), como "a dimensão do uso da linguagem que envolve os processos de produção, distribuição e consumo dos textos, sendo variada a natureza desses processos dentre os tipos diferentes de discurso e de acordo com os fatores sociais"). Nesse nível da análise, há um interesse em desvendar a ordem do discurso, conceito muito utilizado na Análise Crítica

do Discurso, e que significa a totalidade das práticas discursivas de uma instituição, e as relações entre elas.

A terceira dimensão é a análise da prática social, que tem em vista os contextos culturais e sociais maiores, levando em consideração, primordialmente, o conceito de hegemonia de Gramsci (*apud* Magalhães, 2001:17). O discurso é visto numa perspectiva de poder como hegemonia e de evolução das relações de poder como luta hegemônica.

Trata-se, enfim, de estabelecer a relação entre formas e funções da linguagem, tratando os autores e receptores de textos como atores ideológicos.

Muitos analistas do discurso que seguem essa tradição dedicam muita atenção à questão da mídia e, em minha opinião, respondem satisfatoriamente às questões levantadas concernentes a ela, daí minha opção pela abordagem da Análise Crítica do Discurso. Fairclough (1989:49) afirma que "O discurso nas mídias de massa é interessante porque a natureza das relações de poder inatas nele freqüentemente não é clara, e há razão para ver isso como envolvendo relações escondidas".

## A Lingüística de *Corpus*

A Lingüística de *Corpus* (ou Lingüística de *Corpora*) trata da coleta e exploração de *corpora*, que é o plural da palavra *corpus*, em latim. Um corpus pode ser definido como:

[...] um conjunto de dados lingüísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso lingüístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise [...] (Sanchez *apud* Sardinha, 2000:338)

É necessário que seu objeto seja constituído de textos autênticos, atestados pelo uso. Apenas coleções de textos compiladas e interpretadas segundo critérios lingüísticos podem receber a denominação de *corpus*.

Os *corpora* podem ser compilados para várias propostas. Entre suas propostas de usos mais comuns, podem ser citados a lexicografia, o uso dos dicionários como *corpora*, o estudo do inglês falado, a pesquisa sobre aquisição lingüística, os estudos da tradução, os *corpora* diacrônicos e a Análise do Discurso (Kennedy, 1999).

De acordo com Biber (2000), quando se trabalha com *corpus* as vantagens são a inclusão de um grande número de textos, a consideração de várias características lingüísticas e a comparação que pode ser feita entre registros, pois esses itens, de acordo com o autor, são extremamente difíceis de trabalhar manualmente. Assim, a utilização da Lingüística de *Corpus* ajuda a responder como textos de diferentes disciplinas variam no que diz respeito aos padrões de variação lingüística. A metodologia usada recorrentemente são ferramentas de programas de computação, como o Wordsmith.

A teoria da Lingüística de *Corpora* defende que as descrições baseadas em corpus devem ser vistas na perspectiva do uso particularizado da linguagem. Assim, na Lingüística de *Corpora*, a linguagem também é vista mais como uma questão de probabilidade (Stubbs, 1996) que de possibilidade, pois a visão que adota é de que a língua é usada de forma padronizada, por meio de colocações recorrentes.

### **O campo dos *media* e as instituições sociais**

Os campos sociais ditam autênticas regras discursivas, modos de dizer conformes e convenientes (Rodrigues, 1988). Cada um dos campos sociais coexiste com uma multiplicidade de outros campos, e juntos fazem entre si a repartição das suas ordens axiológicas.

### **Características do campo dos *media***

O campo dos *media* tem sua legitimidade expressiva e pragmática delegada dos restantes campos sociais. Está, portanto, estruturado segundo os princípios da estratégia da composição dos diferentes campos. Observa-se, portanto, uma duplicidade de pertença, que é sem dúvida altamente contraditória: circulação pelos diferentes campos x pertença ao espaço público (interesse público).

Segundo Rodrigues (1988:155), "a legitimidade específica do campo dos *media* assenta na elaboração, na gestão, na inculcação e na sanção dos valores de transparência, de representação e de legibilidade da experiência fragmentada da sociedade atual". Para tanto, procede à elaboração de normas de apagamento cuidadoso das marcas da subjetividade, o que pode ser observado no discurso da objetividade e suas normas, empregadas sistematicamente no gênero notícias jornalísticas.

A neutralização, além das estratégias da objetivação (uso da terceira pessoa gramatical, camuflagem sutil do sujeito da enunciação), pode consistir na justaposição das posições dos diferentes campos a apresentar-se sob a figura do "dar a palavra a".

## A reportagem, os verbos de relato e as fontes

As reportagens jornalísticas são, sobretudo, o relato do que as pessoas dizem sobre um fato. Por conseguinte, a questão de a quem é dado o direito à fala, e de como essa fala é reportada, é de crucial importância para uma análise crítica das notícias veiculadas pela mídia.

O relato direto ou indireto tem a função de legitimar o que foi relatado (Caldas-Coulthard, 1997). Além disso, a representação da fala torna a narrativa jornalística mais viva. "... introduzir participantes como falantes evidencia tanto a dimensão humana quanto a dramática dos eventos das notícias" (Van Djik *apud* Caldas-Coulthard, 1997). As fontes são aceitas em ordem hierárquica. Na deontologia jornalística, pessoas ligadas a instituições tendem a ser mais confiáveis que outras (Bell, 1991).

Feitas essas considerações, é ainda fundamental observar que o repórter só reporta aquelas partes da troca que são significativas para ele, de acordo com sua visão de mundo, a do veículo e a da instituição para a qual trabalha, a mídia (Coulthard, 1996).

## Alguns resultados

De acordo com Caldas-Coulthard (1997), que baseou sua classificação em Halliday (1985), a representação da fala pode ocorrer de duas maneiras: por meio de discurso direto, em que ocorre construção das palavras, ou por meio do discurso indireto, em que se observa construção de significado.

Entre os dois extremos de um *continuum* que vai da representação mais direta possível da fala (fielmente reproduzida, sem interferência do autor) à mais indireta possível (quando há uma interpretação da fala), existem formas intermediárias. Há possibilidade, por exemplo, de reportar a fala indiretamente, introduzindo-a por um verbo discendi, que pode ser neutro ou locucionário. Há também a possibilidade de a fala ser diretamente reportada, mas introduzida por uma sentença, que pode ser mais ou menos interpretativa.

De maneira geral, a classificação adotada neste trabalho é a seguinte:

- Verbos NEUTROS: são aqueles que não expressam nada além do ato locucionário. São os verbos *dizer, contar e falar*.
- Verbos ESTRUTURAIIS: são os que marcam a estrutura da interação, como *perguntar, questionar, solicitar, responder, continuar, completar*.

- Verbos PERFORMATIVOS ILOCUCIONÁRIOS (METAPROPOSICIONAIS): são aqueles que interpretam o ato de fala, nomeando a proposição do falante. Como subclassificação, estes podem ser divididos em assertivos, diretivos e comissivos. De qualquer forma, os verbos deste grupo sempre significam algo além do ato de dizer.

O *corpus* analisado, referente a todas as reportagens policiais publicadas no jornal "O Dia" nos meses de fevereiro e março de 2002, é constituído por 1.282 relatos. Destes, 567 são relatos diretos e 715 são indiretos. Os verbos que prevaleceram no *corpus* foram os considerados neutros, como já era de se esperar.

Como procedimento metodológico, foi feito um levantamento de todos os relatos por meio das palavras e expressões indicativas de discurso direto ou indireto. Cada um deles foi relacionado à fonte. A divisão foi feita usando como critério o pertencimento ou não a alguma instituição. Entretanto, por si só esse pertencimento não foi considerado legitimador da representação institucional. Assim, se a fonte cujo relato foi publicado era, por exemplo, um professor universitário que estava falando sobre o testemunho de um crime, seu discurso não foi considerado institucional; se, ao contrário, sua fala era um parecer mais técnico ou se o tema da reportagem era a instituição para a qual trabalha, seu discurso foi considerado representativo da instituição Academia.

Pôde-se verificar um equilíbrio de fontes: 650 são relatos de fontes que não falavam em nome de instituições, e 632 são de fontes ligadas ao discurso das instituições.

As falas das fontes não-representativas de instituições foram reportadas de maneira equilibrada: 335 receberam relato direto e 340, relato indireto.

As falas das fontes policiais foram relatadas mais indireta que diretamente: 276 a 143, de um total de 419. Quando se engloba todos os relatos de fontes representativas de instituições, chega-se ao número de 234 relatos diretos e 381 relatos indiretos.

O verbo de relato *dizer* foi o que mais apareceu no corpus: 241 vezes, seguido de *contar*, 138 vezes, e *afirmar*, 78 vezes. Confirmando os resultados numéricos, como a maioria dos relatos aparece indiretamente, a palavra que mais apareceu na lista de palavras foi *segundo*, o principal item para introduzir relato indireto.

O uso de alguns verbos ILOCUCIONÁRIOS PROPOSICIONAIS recebeu especial atenção. Esses verbos foram considerados somente quando estavam iniciando ou finalizando um relato direto ou indireto:

- CRITICAR: há 9 ocorrências, sendo 5 do povo, 2 do Exército, 1 de deputado e um de representante comercial.
- DESABAFAR: 10, sendo 9 do povo e 1 de um advogado.
- INFORMAR: 20 ocorrências, sendo 16 delas de pessoas representantes de instituições. Dessa forma, o ato de informar seria visto quase que como direito exclusivo de instituições.
- QUEIXAR: 2, sendo um da Justiça e 1 do povo.
- ADMITIR: 19, sendo 10 do povo e 9 de representantes institucionais: polícia, agente penitenciário, Secretaria de Segurança.
- DECLARAR: 4, sendo 3 da polícia e 1 de diretor de empresa, o que indica que as vozes populares não têm direito a declarar, ao contrário das fontes oficiais.
- REVELAR: 10, sendo 4 da polícia, 3 de populares e 3 da instituição da mídia. Percebe-se, com isto, que o verbo é usado principalmente no sentido de descobrir algo antes encoberto.
- SUSPEITAR: 8, todas elas da polícia, aparentemente a única instituição a quem foi dado o direito de suspeitar publicamente de alguém.
- ANALISAR: 3, sendo 1 ligada à Academia, 1 à Justiça e 1 a um ex-PM. Neste jornal, o ato de analisar só foi concedido a instituições que publicamente assumem esta prática. É interessante observar que tampouco a polícia teve o direito de analisar.
- DISPARAR: 3 ocorrências, sendo 1 de especialista em armas, 1 da Polícia, 1 da Secretaria de Segurança. É interessante observar que o termo "disparar" é imediatamente relacionado a "atirar", que traz consigo uma carga essencialmente negativa.
- ROSNAR: 1 ocorrência, da Secretaria de Segurança.
- NEGAR: 18, sendo 13 de fontes não-institucionais e 5 de policiais.

Confirmando uma tendência já citada em Bell (1991), observa-se que o relato indireto aparece realmente muito mais vezes que o relato direto, consolidando-se como o principal traço do discurso noticioso. O relato direto aparece mais para dar credibilidade ao relato indireto, ou quando a fala reportada perderia muito se não fosse citada literalmente.

A polícia foi, em geral, representada de maneira essencialmente negativa, dadas as recorrentes reportagens de suas falas introduzidas por verbos com carga negativa, como admitir e negar, sempre referindo-se a acusações à polícia (muitas vezes implícitas) refutadas por ela. As falas reportadas introduzidas por criticar, desabafar ou queixar, na maioria das vezes, referia-se a queixas contra a polícia. O verbo rosnar, normalmente usado quando se fala em animais enraivecidos, foi usado para relatar fala do secretário de Segurança do Rio de Janeiro, o que dá uma idéia da forma como a polícia e as instituições a ela ligadas estão sendo representadas. Os relatos de testemunhas que não quiseram se identificar eram em grande número denúncias contra policiais. O fato de relatos das fontes institucionais terem sido reportados mais indireta que diretamente é significativo, porque de maneira geral relaciona-se o discurso indireto a uma menor credibilidade pela mídia, o que no caso do jornal "O Dia" estaria indo ao encontro do modelo de leitor construído por ele, necessariamente um leitor que teme a polícia.

As instituições que apareceram no *corpus* como fontes foram a Polícia, a Secretaria de Segurança Pública; a Justiça; a Mídia; a Igreja Evangélica; o Exército; a Academia; a Secretaria de Administração Presidiária; o Consulado Chinês; o Governo dos Estados Unidos; a Organização Internacional do Trabalho; a Medicina; a Psicologia; os Sindicatos; o Detran e o Departamento de Estradas e Rodagem, a Política, representada pelas vozes de representantes da Assembléia Legislativa, da Câmara dos Deputados, do Governo do Rio de Janeiro, do Governo Federal, da Prefeitura do Rio de Janeiro e de diretórios de partidos políticos; a Economia (por meio das vozes de representantes empresariais e comerciais). Do total de relatos, 27 foram extraídos de documentos dessas instituições, como inquéritos policiais e pesquisas.

É necessário observar que a dimensão social, uma das dimensões do quadro metodológico apresentado em Fairclough (1992), ainda não foi analisada, bem como o corpus do jornal "Folha de S. Paulo", o que me impossibilita de chegar, neste momento, a conclusões de maior porte e mais definitivas.

### Referências bibliográficas

BELL, A. *The language of the news media*. Oxford: Blackwell, 1991.

BIBER, Douglas, CONRAD, Susan & REPPEN, Randi. *Corpus linguistics: investigating language structure and use*. 2nd.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. *News as social practice: a study in critical discourse analysis*. Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês/UFSC, 1997.

CALDAS-COULTHARD, C.R. & COULTHARD, M. *Texts and practices: readings in critical discourse analysis*. London: Routledge, 1996.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

KRESS, G. et al. (m.s.). *Discourse Semiotics*. 1995.

KENNEDY, Graeme. *An introduction to corpus linguistics*. 2nd. impr. London and New York: Longman, 1999.

MAGALHÃES, Célia Maria (Org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

PEDRO, Emília Ribeiro (Org.). *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Estratégias de comunicação*. Lisboa: Presença, 1988.

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de corpus: histórico e problemática*. *Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v.16, n.2, p.323-367, 2000.

STUBBS, Michael. *Text and corpus analysis*. Cambridge, Massachussets: Blackwell Publishers, 1996.

VAN DJIK, T.A. *News as discourse*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaun, 1988.

## COLABORADORES

Carmem Cecília Camatari Galvão  
Professora da Faculdade Jesus, Maria e José – Taguatinga (DF)  
Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Cibele Brandão  
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula  
da Universidade de Brasília – UnB  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UnB

Denize Elena Garcia da Silva  
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula  
da Universidade de Brasília – UnB  
Doutorado em Lingüística Hispânica pela Universidad Nacional Autónoma  
de México – UNAM

Dina Maria Martins Ferreira  
Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade  
Presbiteriana Mackenzie (SP)  
Doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

## **Colaboradores**

---

Eline Alcântara dos Santos

Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Gláucia Muniz Proença Lara

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral pela Universidade de São Paulo – USP

Heloisa Marques Miguel

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiânia – UFG

Ivone Tavares de Lucena

Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa

Izabella dos Santos Martins Mendes

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Jacob L. Mey

Professor Emérito da Universidade do Sul da Dinamarca, Odense

Doutorado em Filosofia pela Universidade de Zaragoza, Espanha

Janaína Minelli de Oliveira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Lilian Márcia Simões Zamboni

Consultora Legislativa do Senado Federal – Brasília (DF)

Doutorado em Lingüística pela UNICAMP

Luiz Antônio Marcuschi

Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Doutorado em Filosofia da Linguagem pela Universidade de Erlangen-Nürnberg, Alemanha

Maria Carmen Aires Gomes

Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa – UFV

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Maria Francisca de Oliveira Santos

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE







Dupligráfica Editora  
SIG/Sul Qd. 08 n° 2396 - Brasília/DF  
Fone: (61) 3344-1918 - Fax: (61) 3344-1924  
e-mail: dupligráfica@terra.com.br





**OUTROS LANÇAMENTOS DA  
EDITORA UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA**

**Minhas cartas e as dos outros**

(volumes 1 e 2)

*Carlos Lacerda*

**A crise do modelo francês**

*Denis Rolland*

**Agrotóxicos: mutações, câncer &  
reprodução**

*Cesar Koppe Grisolia*

**Introdução à cinemática relativística**

*José de Lima Acioli*

**Novos estudos sobre línguas indígenas**

*Aryon Dall'Igna Rodrigues*

*Ana Suelly Arruda Câmara Cabral*

**Simmel e a modernidade**

(2.<sup>a</sup> edição)

*Jessé Souza e Berthold Öelze*

*(Organizadores)*

**A pós-graduação no Brasil: formação  
e trabalho de**

**mestres e doutores no país**

(volume 1 - 2.<sup>a</sup> edição)

*Jacques Velloso (Organizador)*

**Psicologia e conhecimento: subsídios  
da psicologia do desenvolvimento  
para a análise de ensinar e aprender**

*Maria Helena Fávero*

**Itinerários de Barbara Freitag**

*Sergio Paulo Rouanet, Nair Heloísa*

*Bicalho de Sousa e Maria Francisca*

*Pinheiro Coelho (Organizadores)*

**N**as instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras compreende cinco partes. A necessidade de uma mudança de perspectiva na relação entre discurso e gramática, acentuada pela preocupação decorrente de questões voltadas para o ensino gramatical, equivale ao fio central que enlaça três artigos reunidos na primeira parte. As reflexões que tomam como objeto de análise textos veiculados na mídia marcam a segunda parte do livro, composta por três estudos, cujos autores dialogam com teorias críticas que enfocam o discurso como prática social. Ao mostrar que a língua é atividade estruturante e constitutiva, três artigos configuram a terceira parte, que envolve questões de natureza semântica e de cunho ideológico plasmadas no discurso literário. Seus autores, além de mostrarem que lingüística e literatura não se excluem, colocam em evidência não só valores políticos, inseridos em contextos sócio-históricos, mas também questões que envolvem gênero social e identidade. Em favor de uma política de representação, diferentes discussões sobre gênero discursivo, fortalecidas pela busca de articulação de diferenças epistemo-lógicas, perpassam os artigos da penúltima parte. Ilustrando ainda a permeabilidade de fronteiras que delimitam as instâncias do discurso, três artigos conformam a parte final. São reflexões de pesquisas que se estendem desde a multiplicidade de posições do sujeito-professor até as facetas que envolvem o comportamento verbal e não-verbal, presentes na dinâmica de interação em contextos acadêmicos.

CÓD. EDU 387495

ISBN 85-230-0836-5



9 798523 008368